JORNAL DA NOSSA TERR@

Nº 3 23 MAIO 2020

Agora vamos tocar o hino da Banda Filarmónica do Círculo Artístico Musical Safarense, que este ano celebra um século de vida.

AVÓ DE LOURENÇO : UMA AVÓ OLIVEIRA ? 04/05

100 ANOS DE BANDA FILARMÓNICA DO CAMS 14/17

OS CONTRABANDISTAS DE AMARELEJA 06/09

TOCAR A REUNIR

Estamos de volta, com o número 3 do Jornal da Nossa Terr@, um jornal digital em modo de pandemia, de Moura para o mundo, feito por tod@s, miúd@s e graúd@s, em ambiente de comunidade de aprendizagem intergeracional.

Esta semana, dedicamos o tema de capa à Banda Filarmónica do Círculo Artístico Musical Safarense, que acaba de celebrar um século de vida, em prol da educação e cultura da nossa terr@. Para conhecermos a história rica e antevermos os próximos 100 anos desta colectividade, falámos com o maestro Rui Rúbio. Enveredamos depois pelos atalhos do contrabando em Amareleja, através das histórias de dois ilustres contrabandistas, infelizmente desaparecidos: Carlos Mateus e Francisco Vasques. Continuamos a recordar Moura pelo olhar de Urbano Tavares Rodrigues, desvendamos as origens do topónimo "Avó de Lourenço", celebramos o Dia Internacional da Família, sugerimos a leitura de um livro de Luís Sepúlveda e ainda damos um salto ao pomar do Francisco, em Santo Amador. Tudo isto, graças aos contributos enviados pelos nossos fantásticos colaboradores, a quem nunca nos cansaremos de agradecer.

Temos ainda os habituais passatempos, quizzes e dicas verdes.

Esperamos que gostem, e não deixem de colaborar com assuntos 5 *, textos XS, fotografias 360° e desenhos 100 %.

OBRIGADO !

Filipe SOUSA (Moura)

QUEM É QUEM NA NOSSA RUA ?

A fotografia tem mais de 25 anos. Em que localidade se passa esta cena?
Quem é o sapateiro da imagem?

Soluções no próximo Jornal.

MOURA PELOS OLHOS DE URBANO

Joana PORTELA (Évora)

«O homem, estonteado pela luz, pôs as mãos em pala sobre os olhos e escrutou o horizonte. Transfigurou-se de repente, sorriu: vira o Guadiana no termo dum vale salpicado de aloendros. Deitou a galope. Os juncos atufavam a margem e cresciam ainda rio adentro até à azenha. À beira da água, pastava um rebanho de cabras. O guardador, de calças arregaçadas, fazia molhos de junco numa ilhota, que de Verão ficava a descoberto. Era um rapazito trigueiro, espantadiço, de ar selvagem. O cavaleiro acercou-se e perguntou-lhe o caminho para Moura. Havia tantos anos que por ali não passava!"

Urbano Tavares Rodrigues, "Jornada sem regresso", in *Estórias Alentejanas*, 1ª edição, Lisboa, Editorial Caminho, 1977, p. 11.

Porto de Évora. Rio Guadiana. 1994 (antes da construção da barragem de Alqueva).

Moinho Novo. Rio Guadiana. 1995 (antes da construção da barragem de Alqueva).

QUAL É O SÍTIO, QUAL É ELE ?

A fotografia data de 2015. Foi tirada junto à berma de uma estrada que atravessa o concelho de Moura. Qual a estrada ? E qual o monte que se avista ao longe ?

Soluções na próxima edição do Jornal.

Filipe SOUSA (Moura)

UMA AVÓ OLIVEIRA ?

Marisa BACALHAU (Moura)

São muitas as histórias e lendas contadas no nosso Concelho. Uma das mais curiosas chama-se a "Avó de Lourenço". Para a entendermos melhor, temos que remontar ao tempo das invasões francesas, no início do século XIX, um tempo em que os franceses eram temidos, pela violência que aplicavam às populações. Pelo caminho tudo pilhavam, tudo roubavam. Ceifavam vidas sem piedade, e, por isso, quando encontraram Lourenço, num dos olivais que circundavam Moura, não hesitaram. Encetaram uma perseguição ao jovem na ânsia de o matarem. Lourenço não desistiu do bem mais precioso que possuía, a sua vida. Quando corria por entre os campos com todas as suas forças, vislumbrou uma velhinha oliveira. Tão velha que o seu tronco era grosso e oco. Pensou em esconder-se no seu interior, protegendo-se de quem o queria matar. Se bem o pensou, melhor o fez, abrigou-se dentro da árvore, ludibriando os franceses, salvando-se de uma morte certa.

A história ficou conhecida na Vila de Moura, onde a árvore milenar foi batizada carinhosamente como "avó de Lourenço". Nos anos 30 do século passado, os homens, quando passavam por esta oliveira, tiravam respeitosamente o chapéu, tal era a consideração que havia para com esta velha árvore. Afinal, salvou o Lourenço!

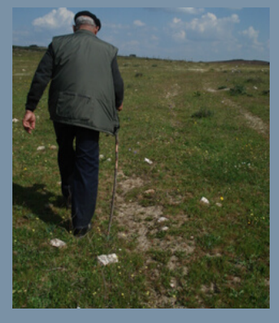
Fotografias, da autoria de José Rodrigo SILVA (Moura), da oliveira que poderá estar na origem do topónimo Avó de Lourenço.

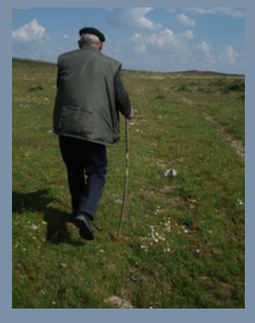
O sítio de Avó de Lourenço fica próximo da cidade de Moura, nas imediações de Pisões, entre a EN 386 (estrada para Brinches) e EN 258 (estrada para a Vidigueira).

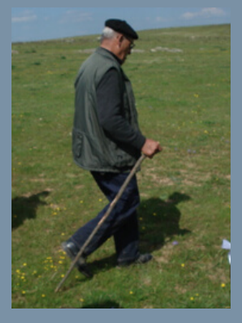
JORNAL DA NOSSA TERR@ 6
Nº 3 23 MAIO 2020

OS CONTRABANDISTAS DE AMARELEJA

Filipe SOUSA (Moura)







Estepe do Garducho

Estepe do Garducho

Todos os Percursos de Roda Pé da ADCMoura ("a caminhar" desde 2001) são especiais. Mas há uns mais especiais que outros. Como os dedicados ao contrabando.
Com a partida dos últimos contrabandistas, ficaram as suas histórias de vida com aqueles que tiveram o privilégio de os acompanhar, até 2008, nessa rota da memória entre Amareleja e Valência del Mombuey.
São essas histórias que recuperamos aqui, protagonizadas por Carlos Mateus e Francisco Vasques, dois dos mais insignes contrabandistas desta zona raiana.
Nos tempos das ditaduras de Franco e Salazar, Valência del Mombuey era apenas uma das etapas do trajecto percorrido em terras espanholas pelos que, em Amareleja, se dedicavam à prática do contrabando.

Os locais de destino, para esses muitos que arriscavam a vida a transportar produtos que escasseavam do outro lado da fronteira, podiam ser Oliva de la Frontera, Jerez de los Caballeros ou então Burguillos, o fim da linha, numa distância de sessenta quilómetros. O mesmo é dizer, pela calada de três noites ou dezanove horas de marcha em ritmo acelerado.
Quando as patrulhas de guardas-fiscais ou de carabineiros lhes adivinhavam os planos e saíam ao caminho, de duas, uma: ou abandonavam a mercadoria ali mesmo para tornar mais fácil a fuga ou eram capturados, sem apelo nem agravo.

Travessia da fronteira "a salto"

Talefe das Mentiras

Travessia do Baldio das Ferrarias

A caminho de Valencia del Mombuey

OS CONTRABANDISTAS DE AMARELEJA

Nascido em 1927, **Carlos Mateus** foi dos que não se livraram dessa desdita, ficando encarcerado em Oliva de la Frontera durante vinte e nove dias, e logo no seu tirocínio de contrabandista, com catorze anos acabados de fazer. E o padecimento e as picadas dos piolhos teriam continuado se ao trigésimo dia não ousasse uma forma de escapar do cativeiro, forçando a fechadura da cela com uma vulgar colher!

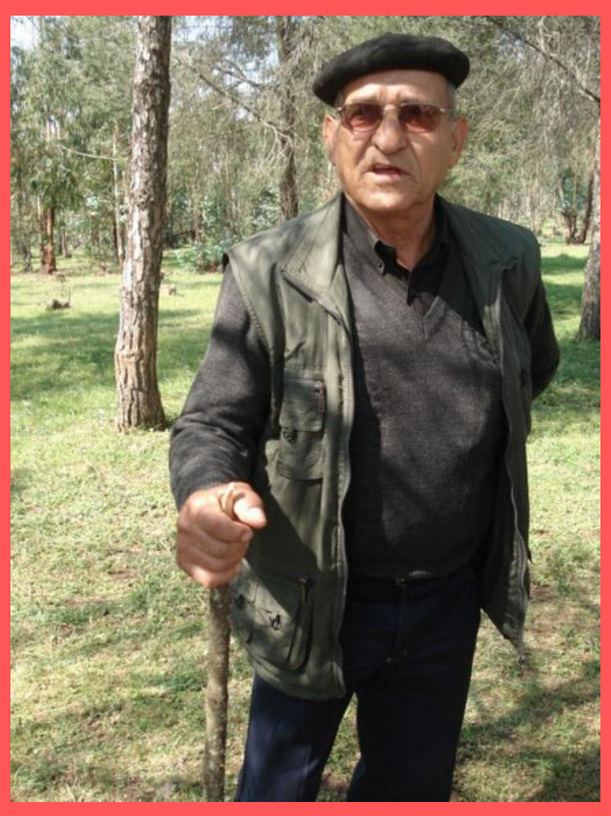
A partir daí ficou "vacinado" para os muitos anos em que teve de enfrentar os perigos dessa actividade clandestina, e não mais as patrulhas lhe puseram as mãos em cima.

Além de reputado contrabandista, era conhecido por outras ousadias, como a de saltar a partir de pontes, como a que cruza o Ardila, ligando Safara e Amareleja. Da última vez que tentou, acabou inanimado no fundo do rio. Tiveram de o ir buscar e conduzir ao hospital. Acabaram-se as actividades radicais, mas a "fibra" ficou intacta e a auréola de herói ainda mais reforçada.

Um dia mostrou uma fotografia sua, tirada quando tinha cerca de quarenta anos e usava fartas barbas até ao peito, e não é que parecia mesmo o Rasputine...de Amareleja!

No dia 9 de Abril de 2005, quando anunciou, em plena caminhada, a sua despedida como guia da Rota do Contrabando, contava 78 anos.

Mestre Carlos Mateus acabaria por falecer em Novembro desse mesmo ano e é com muita saudade que o recordamos.



Já **Francisco Vasques**, mais novo, que não viveu o período da Guerra Civil Espanhola, recorda outras peripécias, como esta: "Tive seis motorizadas. Uma delas era uma Zundapp de cinco velocidades, que era uma máquina e que eu utilizava no contrabando, já em tempos mais recentes. Certo dia, empinou-se-me num cabeço, deu umas poucas de voltas e o resultado foi partir-se a loiça toda que trazia. Era quase toda pírex."

Nascido em 1937, desde rapaz se lembra de usar uma boina basca, a sua imagem de marca, a condizer com o exercício dessa actividade clandestina, que o fazia andar ao frio e à chuva, permanentemente com o credo na boca.

Começou bem cedo, com um colega de ofício, a trazer e a levar mercadorias de e para Espanha, como saída para a falta de trabalho que então se fazia sentir; no fundo, para tentar remediar a vida.

Nessa época, na década de 50 do século passado, vendia café aos espanhóis e trazia de Espanha toucinho, "baixinho e amarelo", com que abastecia os comércios de Moura.

Depois veio a fase do bacalhau e do pírex. A partir de Espanha ou já em Portugal, próximo da fronteira, onde os espanhóis os escondiam atrás de azinheiras, carregou fardos e fardos do "fiel amigo", uma iguaria nessa altura, que se destinava a vários restaurantes de Beja, tal como a loiça. Para o café do Luís da Rocha, em Beja, chegou a trazer três mil copos de uma só vez. No princípio carregava estas e outras mercadorias às costas ou com a ajuda de burros, cujos cascos eram envoltos em sacas de serapilheira, quando deixavam os caminhos de terra e entravam em estradas de alcatrão, para não alertar os guardas. Aliás, os burros também eram contrabandeados, acabando nos talhos espanhóis.

Mais recentemente, por alturas do 25 de Abril de 74, utilizava motorizadas nas suas andanças, correndo localidades e montes, chegando a deslocar-se a Pegões para deixar bombazina, que vendia como veludo.

Após aquela data, o negócio tornou-se menos atractivo devido à subida do valor da peseta. Apesar dos perigos que teve de enfrentar, nunca chegou a ser preso pela guarda-fiscal, embora lhe fosse retirada, em algumas vezes, a mercadoria que trazia consigo. Lembra sobretudo um guarda, que era de Santa Comba Dão, a terra de Salazar, que nunca lhe perdoava. Mas como não tinha emenda e a necessidade falava mais alto, Francisco Vasques voltava na noite seguinte para recuperar o prejuízo. Entretanto desaparecido, é com igual saudade que o recordamos.

QUAL É O SÍTIO, QUAL É ELE ?

DE ONDE FOI TIRADA A FOTOGRAFIA ?

Soluções na próxima edição do Jornal.

QUEM É, QUEM É, NA ARCA DE NOÉ ?

Esta ave foi fotografada em 2016 durante uma sessão de anilhagem científica que decorreu em Santo Amador. De que ave se trata e qual a família a que pertence ? O seu nome científico tem origem numa planta de cujas sementes se alimenta. Como se chama a planta? **SOLUÇÕES NO PRÓXIMO JORNAL**.

A MINHA FAMÍLIA

Carmo (Xiri) VALENTE, 4 anos (Moura).

Em 1993, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o dia 15 de Maio como Dia Internacional da Família. A Xiri e a Filipa, ambas de Moura, resolveram assinalar a data desenhando a sua família. O resultado do seu trabalho é o que está à vista: brilhante!, para quem tem só 4 anos. Parabéns a ambas!

Em Portugal existem cerca de 4 milhões de famílias, sendo que 1.410.116 são casais com filhos. Em média, uma família portuguesa tem 2,5 pessoas. Porém, nem todas as famílias têm um pai e uma mãe: há umas com dois pais ou duas mães (uniões de pessoas do mesmo sexo); outras só com um pai ou só uma mãe (famílias monoparentais). Há também aquelas famílias em que os pais se separam e voltam a casar ou a viver com outra pessoa e, com eles, os filhos de ambos.

Filipa, 4 anos (Moura).

A propósito de famílias, e de uma família improvável, podes ler, nas próximas páginas, o livro sugerido, esta semana, pelo Duarte VALENTE.
Não percas, já a seguir !

JORNAL DA NOSSA TERR@
Nº 3 23 MAIO 2020
12

UM LIVRO PARA DESCOLAR

HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR

de Luís Sepúlveda

Sugestão de leitura de Duarte VALENTE, 12 anos (Moura)

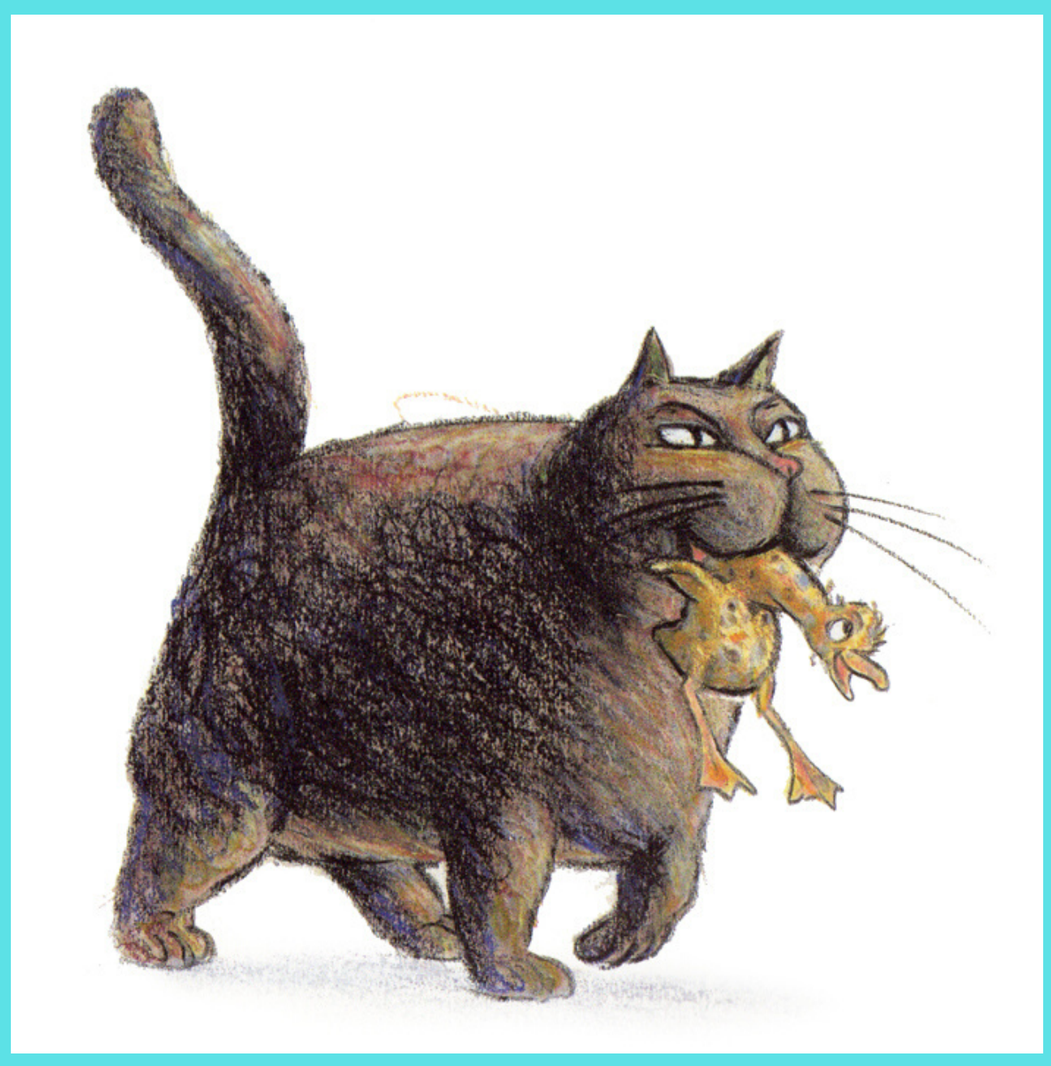
Esta semana venho falar-vos de um livro juvenil de um escritor que, infelizmente, faleceu vítima de COVID-19: Luís Sepúlveda.
Este livro tem uma particularidade; digamos que é uma fábula um pouco esquisita.
Como o próprio nome indica, a história é narrada por animais, mas esses animais não são uns animais quaisquer. Esta «meia fábula» mistura problemas reais da humanidade com divertimento e suspense. Um livro que vale a pena ler.
Ora esta história fala de um bando de gaivotas migratórias que, a certa altura da sua viagem, pousaram nas rochas da maré. Acontece que uma onda anormalmente grande surgiu, e uma gaivota ficou debaixo dela. A onda era enorme e estava carregada de petróleo, de maneira que a gaivota ficou impossibilitada de voar. O bando dela teve de partir para sul sem ela. A gaivota começou a gritar com toda a força que tinha, e como havia uma cidade ali perto, ela teve esperanças de que alguém a ouvisse e a fosse socorrer.

JORNAL DA NOSSA TERR@
Nº 3 23 MAIO 2020
13

UM LIVRO PARA DESCOLAR

HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR

de Luís Sepúlveda



Sugestão de leitura de Duarte VALENTE, 12 anos (Moura)

Certo dia, quase sem voz, usou todas as suas forças, gritou e desatou a chorar. Passado pouco tempo, apareceu um gato, do mar. Era gordo, preto e muito mimado pelo capitão do navio. Ao ver a gaivota toda molhada e preta, o gato teve pena dela e levou-a para a cidade.
Quando lá chegaram, a gaivota pediu-lhe um grande favor, que era «animalmente» impossível e muito, mas mesmo muito difícil. A gaivota disse ao gato que, como iria morrer devido ao petróleo, ia por um ovo. Mas o bonito foi quando a gaivota exigiu que o gato a ensinasse a... voar.

E ficamos por aqui, mais uma vez com um desafio. Mas desta vez, não vos peço para imaginarem o resto da história, mas sim para se porem no papel do gato, e qual a estratégia que iriam utilizar para ensinar esta gaivota,
que há de vir, a voar? E como iriam educá-la e mantê-la viva?
Fica ao vosso critério.
Bom trabalho!!!

RETRATOS DA NOSS@ INICIATIVA

BANDA FILARMÓNICA DO CÍRCULO ARTÍSTICO MUSICAL SAFARENSE CELEBRA UM SÉCULO DE VIDA (1920-2020)

No dia 13 de Maio, a Banda Filarmónica do Círculo Artístico Musical Safarense completou 100 anos de existência: um percurso glorioso em prol da educação e cultura de Safara e do concelho de Moura. Está dado o mote da entrevista com o maestro Rui Rúbio.

Banda Filarmónica de Safara nos anos 20, 30 do século passado.

Jornal da Nossa Terr@ (JNT) : Numa história rica de 100 anos, pedimos-lhe que destaque dois ou três marcos.

Maestro Rui Rúbio (MRR) : A Banda do Círculo Artístico e Musical Safarense foi fundada com base na já existente Banda Filarmónica de Safara, a qual foi criada para a participação nas cerimónias da tradicional Semana Santa em Safara, que já se celebrava solenemente desde o século XV.

A banda que temos hoje teve uma reorganização no ano de 1980, pelo Maestro Joaquim Bicho Gonçalves, que trouxe muitos frutos e fez com que a banda fosse convidada para participar, em Junho de 1991, no 1º Festival Nacional de Bandas Filarmónicas da Feira Popular de Lisboa, representando o distrito de Beja. Desta mesma fazia parte uma Escola de Samba, criada em 1986, que realizou várias participações nos carnavais mais importantes de Portugal, como o de Loulé, Mealhada e Torres Vedras.

RETRATOS DA NOSS@ INICIATIVA

BANDA FILARMÓNICA DO CÍRCULO ARTÍSTICO MUSICAL SAFARENSE CELEBRA UM SÉCULO DE VIDA

ENTREVISTA COM O MAESTRO RUI RÚBIO

Actuação da Banda Filarmónica do CAMS sob a direcção do actual maestro Rui Rúbio., em 2019.

JNT : Quantos músicos tem a Banda Filarmónica actualmente, e quais as idades do elemento mais novo e do mais velho?

MRR : A banda conta com 30 elementos, tendo o mais novo 12 anos e o mais velho 57 anos, embora alguns deles não pertençam a Safara. Ainda conta com 17 alunos na escola de música.

JNT : Qual tem sido o papel da Banda Filarmónica junto da comunidade, sobretudo nas áreas da educação e da cultura?

MRR : Actualmente, penso que a banda seja a instituição com mais peso na cultura do povo Safarense, uma vez que tem vindo a crescer nos últimos anos. Este crescimento deve-se ao trabalho realizado nas escolas pelos professores de música, bem como aos recentes professores e maestros desta casa, que foram bastante dedicados e trouxeram novos métodos de ensino oriundos da formação que cada um deles possui. Assim sendo, podemos realizar vários eventos para promover a cultura do povo com o auxílio de alguns grupos culturais da terra.

JORNAL DA NOSSA TERR@
Nº 3 23 MAIO 2020

RETRATOS DA NOSS@ INICIATIVA

BANDA FILARMÓNICA DO CÍRCULO ARTÍSTICO MUSICAL SAFARENSE CELEBRA UM SÉCULO DE VIDA

ENTREVISTA COM O MAESTRO RUI RÚBIO

Banda Filarmónica do CAMS na 1ª feira Feira Popular de Lisboa, em 30 de Junho de 1991 (fotografia tirada na Cidade Universitária de Lisboa).

Escola de Samba e Banda Filarmónica do CAMS no Carnaval de Torres Vedras, em 1989.

JNT : Quais as principais dificuldades com que a Banda Filarmónica se defronta no dia a dia?

MRR : Temos passado por várias dificuldades, como a falta de apoios, que não nos são dados, pois assim torna-se difícil podermos angariar instrumentos que são necessários e um fardamento novo para a banda, uma vez que o que existe está muito desfalcado.

Infelizmente, em termos de captação de músicos o que se torna mais difícil é captar aqueles músicos que já pertenceram à banda e que, por vários motivos, não querem voltar. Também temos algumas dificuldades na nossa sede, a qual gostaríamos de remodelar;

pois não possuímos uma sala de espectáculos digna e algumas divisões da mesma não se encontram nas melhores condições.

RETRATOS DA NOSS@ INICIATIVA

BANDA FILARMÓNICA DO CÍRCULO ARTÍSTICO MUSICAL SAFARENSE CELEBRA UM SÉCULO DE VIDA

ENTREVISTA COM O MAESTRO RUI RÚBIO

JNT : Como antevê os próximos 100 anos da Banda Filarmónica?

MRR : Relativamente ao futuro desta casa, penso que pode celebrar mais 100 anos, e muitos mais. Temos muito futuro, pois possuímos muitas pessoas que podem vir a fazer a diferença nos anos vindouros, a nível musical e profissional. Por isso, acho que vamos deixar um grande legado e uma marca bem gravada na história desta casa e deste povo.

Actuação da Banda Filarmónica do CAMS no Concerto de Natal, na Igreja Matriz de Safara, sob a direcção do actual maestro Rui Rúbio, em 2018.

Actuação da Banda Filarmónica do CAMS sob a direcção do antigo maestro André Caçador, em 2017.

Vídeo comemorativo, com mensagens de aniversário, alusivo aos 100 anos da Banda Filarmónica do CAMS.

CLICAR NA FOTOGRAFIA.

ERA UMA VEZ ... NO POMAR DO FRANCISCO, EM SANTO AMADOR

São tantas as aves que aproveitam a planície de Santo Amador para viver! O Miguel Lecoq, um dos mais conhecidos ornitólogos do nosso país, instalou, no dia 24 de Janeiro de 2006, uma rede de malha muito fina no pomar do senhor Francisco Coelho Fachadas, à entrada da nossa aldeia de Santo Amador, para que as aves que residem ou passam por aqui, ficassem presas por uns instantes para as podermos estudar como deve ser, isto é, de forma científica.
Não se preocupem, é só o tempo de admirá-las, medir-lhes as asas, pesá-las, avaliar a sua gordura no peito, anilhá-las... e, hop, já podemos soltá-las! As nossas mães também participaram e gostaram bastante. Com os dados recolhidos podemos fazer comparações e operações de matemática na Escola e em casa. Aprender pode ser mesmo muito divertido, não acham ?, ainda mais se aquilo que se aprende se relacionar com a realidade e tiver aplicação concreta.

SOLUÇÕES DOS QUIZZES DA EDIÇÃO ANTERIOR

QUAL É O SÍTIO, QUAL É ELE ?

A fotografia foi tirada no local onde hoje se ergue a barragem de Alqueva e mostra o trecho do rio Guadiana a montante desse ponto, antes da criação da albufeira. Na margem direita pode ver-se o moinho Novo.

QUEM É QUEM NA NOSSA RUA ?

A cena passa-se no café Janeiro, em Safara, no Largo das Ameias. Atrás do balcão está Tói Borrefo. Ao balcão, da esquerda para a direita, os seguintes clientes: Manuel Dinis, António Borralho, António Chato e Armando Chaparra.

QUAL É O SÍTIO, QUAL É ELE ? QUAL É O MONUMENTO, QUAL É ELE ?

Trata-se de um pormenor da porta lateral esquerda da igreja matriz de S. João Baptista, que abre para o Largo da Capa Rota, em Moura.

QUEM É, QUEM É, NA ARCA DE NOÉ ?

São crias de borrelho-pequeno-de-coleira, da família das Limícolas. Os ovos são depositados no solo, numa cova. As crias usam a sua penugem para passarem despercebidas. Os adultos emitem pios de alarme e arrastam as asas em corrida, fingindo-se feridos, para afastarem os intrusos dos ninhos.

IDEIA VERDE ALFACE

É P'RA AMANHÃ, uma viagem a um futuro sustentável. Um website e cinco episódios para dar a conhecer as pessoas e iniciativas em Portugal que trabalham diariamente para construir um futuro mais sustentável.
Boa ideia!
CLICAR NA IMAGEM.

QUEM FAZ O QUÊ NO JORNAL (COLABORARAM NESTE NÚMERO)

REDACÇÃO : Carmo (Xiri) VALENTE, Clara LOURENÇO, Duarte VALENTE, Filipa, Filipe SOUSA, Joana PORTELA, José Rodrigo SILVA, Marisa BACALHAU, Rui RÚBIO.

DESIGN, PAGINAÇÃO E EDIÇÃO : Filipe SOUSA, com canva.com.

APOIOS: